

AS COSMOVISÕES IMAGINARIAS DA CULTURA NA CONSERVAÇÃO DE CORREDORES ECOLÓGICOS NO SUL DA BAHIA¹.

Miguel Arturo Chamorro Vergara²
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: O Ministério do Meio Ambiente luta em investir em corredores ecológicos, para a recuperação da Mata Atlântica no sul da Bahia. Estão preocupados com criar unidades de conservação e preservação numa floresta devastada pelo plantio do cacau e pelas práticas culturais exercidas pela população local: afro-descendentes, Índios Pataxós e Tupinambá. Os quais procuram sua sobrevivência e a reprodução social desagregada espacialmente nesse território. Nesse sentido, essas ações conservadoras da natureza ecológica parecem ser desafiadas pela cosmo-visão de rituais, mitos e as forças mágicas do sistema de crenças dessas populações. Esta proposta de trabalho procura trazer ao debate dessas políticas de conservação algumas das dimensões simbólicas, expressa nessas tradições culturais vinculada ao regime da imagem, por onde o imaginário expressa símbolos de inversão e intimidades que dizem relação ao sentido que a natureza exerce na sua existência.

PALAVRAS-CHAVES:Corredores; Territórios; Usos da Natureza.

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar esta reflexão, destacamos a função da Antropologia em dar a conhecer o outro, o diferente, para que, assim, possamos saber de nós próprios. Nesse sentido, ressaltamos a cultura Brasileira, para refletir o que significa reconhecer saberes tradicionais culturais dentro da política ambientalista.

A experiência do corredor ecológico no sul da Bahia, recoloca no debate deste Grupo de trabalho (ABA) estes conflitos, contradições e resistência da ação ambientalista /ecológica do governo com comunidades culturais da natureza. Culturas que constroem suas identidades e vida coletiva nessa força energia vital do meio natural, dando assim, o sentido ao mundo existencial da vida coletiva.

Nesse desafio nos apoiamos do pensamento de **GASTON BACHELARD** e de seu discípulo **GILBERT DURAND** para repensar as descrições espaciais e mitológicas da natureza, pois, são necessárias para compreender a dinâmica das imagens que as representações das subjetividades humanas estabelecem no cotidiano.

Bem como assinala **CASTELÃO-LAWLESS(2008)** esta linguagem do ponto de vista fenomenológico, traz a emergência das imagens que se originam na alma poética, para nos oferecem uma precisaado sentido espacial resultando num novo realismo. Assim,

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”;

² Miguel Arturo Chamorro Vergara, Sociólogo e antropólogo :Doutorando Universidade Federal de Pernambuco- professor da Universidade Estadual Santa Cruz e pesquisador NÚCLEO KAWÉ Estudos afro baianos regionais do sul da Bahia / E – mail / mikevergara@hotmail.com.

explorando as imagens do espaço físico pelas vivências das pessoas, podemos repensar a natureza das Matas/Floresta, para colocar em evidência, esse dinamismo e mobilidade múltipla que existe entre as subjetividades e a materialidade. Neste jogo dialético, que a linguagem da poética e o imaginário permitem ao antropólogo, o uso do imenso potencial da imaginação criadora humana para descrever como o homem, usa a natureza em seu cotidiano e para sua sobrevivência.

Assim queremos, expressar algumas das injustiças ambientais dos direitos dos grupos culturais do sul da Bahia e a dominação, danos causados a seus territórios. Bem como, provocar essa lógica ecológica da conservação dos corredores para um desenvolvimento sustentável. A necessidade de que seja contemplado o envolvimento desses saberes e as cosmo visões da natureza para auxiliar a educação ambiental que se tornou essencial para preservação da Mata Atlântica e o combate a uma eco-economia de interesse privados de seu território. Inicialmente, neste artigo damos nossa visão crítica do corredor ecológico, logo a cosmos visões da natureza no sul da Bahia onde símbolos, arquétipos e mitos estruturam um imaginário dessas Matas, para finalmente colocar algumas considerações.

2. A VISÃO CRÍTICA DO CORREDOR ECOLÓGICO

O Brasil tem sido sem dúvida, um cenário essencial para discutir o meio ambiente e a vida humana. Defende-se uma nova relação do ser humano com a natureza. Tal visão do meio ambiente biofísico, que envolve questões relacionadas ao manejo da fauna e da flora silvestres, a conservação do solo, a poluição da água, degradação da terra e desertificação sempre consideram o homem a causa desses principais problemas.

Entretanto, queremos nos valer dessa visão ambientalista que limitam, condicionam e domesticam a natureza humana apenas para alimentar novas possibilidades e alternativa produtivas do modelo capitalistas, para refletir as dimensões simbólicas da cultura do homem que transcendam essa visão biofísica, do manejo e a conservação para lógicas coletivas, afetivas, espirituais, existenciais onde o lucrativo não é o fundamental do uso da natureza.

O ministério do meio ambiente insiste na política dos corredores ecológicos, como um procedimento apesar de complexos, necessários para conservação de áreas, estudos, manejo e, identificação de instrumentos ecológicos que viabilizem o estabelecimento da biodiversidade com a participação de diversas instituições governamentais e organizações da sociedade civil de abrangência local, regional, nacional e até internacional.

Uma parte da Mata Atlântica Brasileira fica no Sul da Bahia é uma área crítica, pois, essa região, mantém conflitos com a posse e o uso da terra com as populações das

comunidades Indígenas Tupinambá, Pataxós, Quilombolas e Candomblé que precisam do território para que seus seres encantados, divindades, plantas mágicas e curativas etc., possam ter proteção e preservar suas origens, identidades, mitos, rituais. Sem desconhecer o valor de outras comunidades de grupos étnicos que aí vive como Japoneses e Ciganos que ainda não enfrentam essa luta pelo território, pobreza, exclusão e a discriminação de seus espaços sagrados.

O território sul baiano convive numa polaridade (tensão) de percepções da conservação e o manejo da Mata, a qual, não pode servir somente, para pensar as forças e instrumentos de controle a que são submetidos as diversidades culturais, em toda a suas variedades, mas entender, o espaço da função natureza que este baiano brasileiro de diversas origens reivindica para seus mitos, arquétipos e símbolos possam dar continuidades ao diálogo profundo com a existência de sua cultura, comunidade e que essa políticas ambientais de governo no valoram.

Essa região para as comunidades culturais representa, a imagem de uma grande mãe e estão cientes, do desmatamento da floresta nativa, causado pelo extenso plantio de cacau, pela derrubada de árvores nativas, atividades do turismo e as tomas de seus territórios. Além disso, o sul da Bahia é guardião de um quarto dos 8% que restam da Mata Atlântica no Brasil, é a área mais rica de todo o bioma³, maior concentração de biodiversidade do planeta, porém, sua preferência para o plantio do cacau a dificulta. O chocolate é um produto que desperta o interesse econômicos, porque movimenta globalmente 60 bilhões de dólares/ano e passou a ser visto na Mata Atlântica', como uns dos negócios sustentáveis, especialmente pelas possibilidades do reflorestamento desta área.

O cacau produzido nas matas da Bahia para ambientalistas é um produto possível de ser ecorrotulado, outorgando um valor adicional à preservação dos ecossistemas e a retomada do desenvolvimento sustentável com a formação dos corredores ecológicos de áreas reintegradoras dos ecossistemas florestais. Esta visão conforme **LESTER R BROWN** (2003:3) “é necessária para produzir mudança na forma como vemos o relacionamento entre a Terra e a economia, pois a economia está em conflito com os sistemas naturais da Terra”. Tal posição adotada procura uma economia ambientalmente sustentável, isto é uma eco-economia, construída para terra, que segundo o autor requer que os princípios da ecologia, estabeleçam o arcabouço para a formulação de políticas econômicas e que economistas e ecólogos trabalhem em conjunto, para modelar a nova economia do futuro.

³ Os biomas são as grandes formações vegetais presentes em diferentes continentes, cujas características comuns como fatores climáticos e latitude determinam uma única comunidade biológica dentro de uma área geográfica definida. Já as variações da vegetação encontradas dentro de um mesmo bioma - devido ao tipo de solo, topografia e disponibilidade de água - são conhecidas como ecossistemas. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**

Nesse processo de negócios sustentáveis percebemos criticamente a filosofia dos corredores ecológicos no sul da Bahia, porque representam distintas estratégias para incentivar o lucro econômico. Assim, como para ações ecológicas e vês e versa. É uma política ambiental copiada das experiências de países europeus que buscam ações da preservação e conservação do meio ambiente, ampliando a reservas dos recursos naturais e retornando o sistema produtivo para o comercio da matéria prima, perdendo assim, a dimensão central do problema sociocultural ambiental.

O Trabalho de **BUENO**(2004) assinalou os corredores ecológicos na conservação de biodiversidade podem ser visto como uma faixa da superfície terrestre que conecta habitats naturais sobre a matriz antrópica. Quer dizer, um instrumento capaz de transformar e modificar a paisagem agrária e urbana para corrigir problemas de ordem ambiental. Nesse sentido, a população que nele reside obriga a criação de instrumentos de controle imediato redimensionamento da ocupação e uso dos recursos naturais que afeta a qualidade de vida dos eco sistemas. No sul da Bahia vem se adotando essa estratégia de conservação para as reservas particulares do Patrimônio Natural (RPPN), a partir de um modelo de desenvolvimento sustentado econômica e ecologicamente alimentando a atividade do eco turismo, apontada como uma alternativa econômica de baixo impacto ambiental: “a *contemplação*” da fauna silvestre sua principal atração. Esta atividade agrega valor aos recursos naturais e gera empregos.

O estímulo do uso das topografias geográficas das fazendas de cacau, criação de gado, seringais e mata virgem para criação de reservas privadas, “núcleos” de manejos prioritários. Essa ação estipula incentivos econômicos compensatórios aquelas propriedades privadas, as quais terão preferência no recebimento de recurso em troca de compromisso com a conservação da biodiversidade, ou seja, o objetivo principal desses corredores é negociar com a população residente para manter ou restaurar a conectividade da paisagem. O usando a terra para a restauração de trechos degradados em áreas-chave, promovendo “pesquisas socioeconômicas que ajudem a reduzir a ameaça de extinção de espécies tendo que os proprietários rurais seguirem um mínimo de regras básicas para conservação parques e reservas”.Estes novos instrumentos econômicos permitem que os proprietários de terra optem por receber compensação pelos seus esforços de conservação, em vez de impor o mesmo critério a todos. Aplicação do enfoque de eco desenvolvimento elevando a concentração da propriedade da terra e a desigual distribuição dos recursos da natureza a privatizando-los, coloca em aberto a questão de quais devem ser ou são as condições mínimas adequadas de acesso à terra de um saber renegado que depende desta para seu desenvolvimento? As como-visões simbólica da natureza, a partir do imaginário das comunidades culturais e ações

organizativas frente a estes conflitos ambientais permitem colocar a visão desses saberes culturais frente à problemática da mata atlântica no baixo e extremo sul da Bahia.

3. AS COSMOVISÕES DA NATUREZA NO SUL DA BAHIA: símbolos, arquétipos, mitos do imaginário das matas

As cosmologias ameríndias e afro descendentes na questão ambiental, se mobilizam com suas comunidades e membros para fazer valer seus conhecimentos e direitos no órgão do Estado que se diz tutelar, mais que, na realidade esta tirando o que é de mais valor para essas culturas a natureza diminuindo seus espaços de ação de sua tradições, ritos e festas. Aplicando inclusive a expulsão para outros espaços geográficos.

Isto nos obriga entender as pressões históricas e sociais no sul da Bahia que essas comunidades desta região receberam em relação ao processo de destribalização e desterritorialização cultural. Esses grupos diferenciados se aproximam formando resistência à imposição de um modelo desenvolvimento socioeconômico regional como bem nos diz **RACHID SELEM** (1983:23), onde o ângulo histórico da ocupação foi totalmente abstraído, não sendo considerado importante. Uma visão foi privilegiada apenas idealização de região pelo viés produtivo do cacau dos interesses do estado da Bahia de concentrar o maior número de municípios para romper com as diferenças, peculiaridades e versatilidades do manejo e uso da terra, querendo impor um espaço territorial homogêneo.

Entretanto, as dimensões históricas e formas de viver das comunidades culturais reforçam o contrario da dinâmica das diversidades cultural na compreensão da natureza desde sua ocupação territorial. O estudo do território e identidade dos indígenas nesta Mata Atlântica realizado pela antropóloga **VIEGAS DE MATOS** (2008) assinala as profundas transformações ocorridas no espaço físico desses grupos culturais. Segundo autora, a criação e politização da identidade dos índios nessa região , não esta ligada ou associados ao conceito de paisagem, e sem '*a terra*' como mercadoria e meio de produção, *o solo* como território-nação e *o lugar*' como forma de pertença localizada.

Tantos as culturas indígenas como as afro descendentes no sul da Bahia tem sido mal compreendida tanto seus sistemas de organização social como a visão ambiental sobre a natureza, isto, devido a uma sociedade que deixa se dominar por um modelo de sociedade ocidental que impõe valores e visões econômicas, individualistas e sem pertencimentos e sentimentos a natureza, apenas usufruir de seus recursos.

Pelo contrário, nessas comunidades culturais, o que prima é a vida coletiva, o respeito e amor ao território e sim às possibilidades de enriquecimentos lucrativos. Por isso, o sentido da solidariedade e a sobrevivência de gente que impõe uma forma e sentido a vida distintos a

essa realidade física deteriorada. O interessante disso, são o conjunto de vivências históricas desse processo organizacional coletivo das comunidades e as estratégias de articulação e transmissão de seus conhecimentos antes as demandas de autoconsciência de manutenção de sua matriz cultural.

Esta que visa um lugar de encontro da diferencia humana, onde o humano pode se sentar reunir junto a outros, jovens, crianças alguns mais-velhos. Um lugar de espaço para o dialogo, conversa e partilham de festas, danças e tradicionais. Todo conforme a situação vivida no momento seja morte, iniciação sociocultural e comunitária, acolhimento de uma visita etc. Isso que **MAFESSOLI (2001)**, chama atenção para essa convergência subjetiva coletiva movida pelos afetos, valores e emoções torna o fundamento para existência da sociabilidade, pois ela nasce com a carga de afeto que lhe é inerente do que as formas econômicas políticas que opera a vida social.

É por isso que destacar este espaço coletivo é necessário para que natureza :a terra. Solo, lugar se torne sagrado adquira respeito. Isso que tão bem destacou nosso querido Paulo Freire⁴, ter essa profunda crença na pessoa humana e na sua capacidade de educar-se como sujeito da história, através de uma pedagogia que valorize o saber do povo, ao mesmo tempo em que o desafia, a saber, sempre mais, ou seja uma *pedagogia da práxis social transformadora*. O que significa reconstrução cultural das vivencias multiculturais entre povos e comunidades distintas (**ZITKOSKI 2006**).

A sabedoria desses grupos culturais em relação a natureza aparece representada na força vital que tem seus mitos, os quais lhe permitem atualizar através dos rituais a cosmo visão da existência. A terra é para estes o grande mãe, um arquétipo universal. O arquétipo é uma possibilidade dada a priori que em contato com as experiências, toma corpo e se manifesta através das imagens. Para os arquétipos inexitem definições finais, existem apenas formas de tentar compreender o seu funcionamento no homem. Os atributos do arquétipo⁵ materno para **JUNG (1974)** salientam que: “o maternal”, simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento, o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal.” arquétípicas do indivíduo. Estes aparecem no inconsciente coletivo e fala através da

⁴ Este grande pensador Brasileiro que pensa a Educação como pratica de liberdade, acreditar no povo é ajudar o povo.

⁵ O arquétipo em general , uma das formas típicas dos modos de pensar e de agir do homem e por tanto,a possibilidade inata de representação que enquanto tal preside atividade imaginativa . Modelo invariáveis universais da imaginação humana do inconsciente coletivo – Imagens primordiais ..Jung admite ter tirado o termo de Platão.

linguagem simbólica. Nestes universos simbólicos encontramos a linguagem, o mito, a religião, a ciência e configura o homem como um animal simbólico. **CASSIRER(2001)** considera que, enquanto os animais percebem o mundo pelos instintos, o ser humano cria o seu próprio universo pelos significados simbólicos que atribui e delineia a sua percepção de realidade.

Nesse sentido, a dimensão simbólica é uma linguagem que revela o imaginário de uma cultura permitindo a seu membros usar seus símbolos para criação de imagens, personagens míticos para dar sentido a sua vida no cotidiano. O imaginário é estado de espírito que caracteriza um povo. **DURAND (1997)** descobre esta força social de ordem espiritual. Uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Para esse autor, o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. Portanto, a relação entre as coerções sociais e a subjetividade, sendo o mito é um relato fundante da cultura, ele vai estabelecer as relações entre as diversas partes do universo, entre os homens e o universo, entre os homens entre si como nos assinala **ROCHA PITTA 2005: 18).**

O imaginário se vale do mito para se revelar, o qual seria de algum modo, toda a narrativa, estruturada pelos schémes, arquétipos fundamentais da psique nossa. O mito envolve a criação, a compreensão e a descrição do mundo e da realidade. Sua maior característica é ser um relato de como o cosmos se constituiu, a natureza se formou como os deuses apareceram e nasceram. Entre os elementos míticos que nos apresentam o trajeto antropológico destas comunidades culturais da natureza no sul da Bahia são símbolos relacionados com a imagem arquétipica da grande mãe que representa a natureza, o herói que exerce a figura do guerreiro das matas, e a harmonia mística dos contraditórios que tornassem as estrutura do imaginário para proporcionar o dinamismo simultâneo da vida comunitária destas diversidade cultural e os conflitos com natureza

As divindades do Candomblé, quilombolas, indígenas se concentram numa unidade heterogenia de elementos culturais que povoam a psique simbólica dos brasileiros. O conhecimento do conteúdo e sentido simbólico contido nessas relações das divindades, figuras míticas com a natureza fornecem chaves de entendimento para processos individuais e coletivos do imaginário.

No caso das comunidades *quilombolas*, no Brasil, em sua maioria, formada por gente que tem vínculos com a terra, depois de cem anos do fim da escravidão, recebem o nome de quilombolas, áreas de quilombolas ou territórios de quilombolas. A Fundação Palmares ligado ao Ministério da Cultura, promove e valoriza a cultura afro-brasileira tem a estimativa bem superior, de cerca de 3 mil áreas de remanescentes de quilombo no Brasil, das quais 500 já

foram reconhecidas publicamente pelo governo. No sul da Bahia, a situação das comunidades remanescentes de quilombos atua em nove municípios - Cairu, Camamu, Igrapuina, Ituberá, Marau, Nilo Peçanha, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Itacare e Valença - 42 comunidades quilombolas, onde vivem mais de 24 mil habitantes. Dessas, 19 comunidades detêm certificação e 23 estão em processo de auto-reconhecimento.(fonte)FunPalm

Para antropóloga **ILKA BOAVENTURA LEITE (2000)** a posição que vem sendo contemplado nas ações do quilombolas é o modo de vida coletivo, a participação de cada um no dia-a-dia da vida em comunidades. Não é a terra, portanto, o elemento exclusivo que identificaria os sujeitos do direito de esse reconhecimento remanescente, mas sim sua condição de membro do grupo. A terra, evidentemente, é crucial para a continuidade do grupo, do destino dado ao modo coletivo de vida destas populações, mas não é o elemento que exclusivamente o define à idéia de nucleamento, de associação solidária em relação uma experiência intra e inter grupos.

Além disso, essas comunidades quilombolas sobre um olhar sócio antropológico, proporcionam como mostra autora o aparecimento de atores sociais que podem ampliar e renovar esses modos de ver e viver a identidade negra permitindo ao mesmo tempo, o diálogo com outras etnicidades e lutas sociais como é o caso dos povos indígenas tupinambá e pataxos no sul da Bahia . A pesar da domesticação religiosa católica recebida dentro do sistema crenças desses afros descendentes, a mística dessa matriz afro-brasileiros dos quilombos apontava para a busca da unidade na diversidade .

Para eles, qualquer índio, qualquer branco que quisesse abraçar aquele projeto, mesmo sendo de outras culturas, poderiam ser acolhidos e integrados ao mesmo. Os valores simbólicos do dramatismo vivenciado pela perseguição, a escravidão negação da liberdade, de ser menosprezados pela cultura branca dominante, estes criaram uma linguagem simbólica de preservar a unidade, a família e a comunidades valorada para vivenciar suas tradições culturais e resgatar suas raízes. A força de energia da alma negra, ama a liberdade à partilha distinguindo da prática, a.sabedoria e profundo conhecimento da natureza. Na intimidade com o Deus pai Todo Poderoso e ´ chamado de *OLORUM = OLO + ORUM* ,senhor do orum, ou seja: senhor de todos os espaços terrestres e celestes. A Natureza traz o símbolo da subsistência, fecundidade, do alimento fundamentada na fertilidade dos plantios, pois conserva o coletivo familiar, que pode operar em forma de mutirões antes a condição de ter vivido dispersos, isolados e desamparados. Além das preciosas manifestações culturais coletivas para ativar os mecanismo da alegria e felicidade expressas no samba de roda, congadas e no culto às divindades do candomblé e do catolicismo como um elemento de ligação entre ambas para manter a união e abertura de seu povo, seus traços físicos, seus cabelos, de seus costumes, de sua identidade cultural superando toda humilhação. Assim, a

vida não é um atributo só da pessoa humana, também são as plantas, os animais, a terra, a pedra, a água, o ar, pois todas elas têm axé, ou seja, vida.

Conseqüentemente nela tem a grande comunhão com todos os elementos da natureza, em que essa relação é parceira e co-responsabilidade da resistência organizada da comunidade. Os quilombolas no sul da Bahia enfrentam precariedade nas condições de vida da população é evidenciada nas condições de vida água, condições de moradias constituídas de taipa e outros materiais artesanais e as escolas distantes das comunidades, o que dificulta a frequência e o aproveitamento dos alunos. Por isso, se aproximam com as outras comunidades para fazer pressão aos governos e órgãos públicos para acelerar a resolução das necessidades básicas dos quilombolas. A natureza no sul da Bahia se degradou suas condições vitais pelo pouco acesso aos recursos naturais que estas comunidades sempre tiveram, não entanto, não eliminou a dimensão simbólica da harmonia a imagem de herói de seus orixás para protegê-los e fortalecer os laços de pertencimentos a permanecer e continuar nela, mesmo em condições precárias, de subsistência para defendê-la.

Na comunidade do *candomblé* também perseguida por suas praticas religiosas é oportuno destacar sua sobrevivência a contribuição e o esforço da antropologia no Brasil, para dar a conhecer os cultos afro-brasileiros. No obstante, é uma vivencia religiosa ainda discriminada e não aceitam sua forma de ser e agir. O processo violento de dominação e domesticação sofrido pelo cristianismo ocidental e hoje uma contradição numa época que prega a liberdade religiosa fortemente provocada pelos cultos protestante (pentecostais) nos bairros e os programa de TV religiosa.

Na história, o candomblé, tem mostrado ser uma comunidade coletiva perseverante em manter seus fundamentos do sistema de crença, de modo peculiar ações com o “Sagrado” usando os elementos da natureza que são os orixás tendo que guardar segredos não aceitos por um sociedade branca católica judeu cristão que busco desmoralizá-la como uma prática de bruxaria.

Esse segredo, conforme (SILVEIRA, 2004), faz parte da linguagem do candomblé, percebido como um símbolo integrando e um referencial mítico que no plano do sagrado exerce uma forma de auxiliar na resistência e preservação do patrimônio simbólico do coletivo. Nas palavras da autora: O silêncio possibilita uma relação com saber uma relação que aponta para um auto conhecimento, engendra formas de convivência no grupo e constrói representações acerca das relações educativas processadas no terreiro (ibidem, p. 53). Tais segredos estão relacionados com as dimensões míticas e simbólicas do ritual que exigem conhecimentos e recomendações do antropólogo para lidar com a a energia da natureza como força vital do mundo existencial.

se apropriam, e dos orixás, que através deles veiculam o *axé*. Por isto, essa imagem figurativa da natureza, com o uso de folhas e animais, representa um cenário de resposta, a o mundo interior dos indivíduos que poderíamos considerá-la como um de seus rasgos profundos que sustenta as práticas religiosas no candomblé. É dizer o que, os filhos de santo vivenciam de fato.

Nesse sentido, estamos frente a uma relação mítica e simbólica da natureza transcendental em que os espaços de terreiros permitem ser usados como florestas em que podem ser chamadas as entidades da natureza dos orixás. As folhas praticamente estão em todos os toques e festas, presente esparzidas pelo chão e decoradas por toda a casa.. Os pratos , sacrifícios, as danças , as roupas e todos os objetos materiais criados para que o candomblés no Brasil exista são oferendas dada como agradecimento aos orixás que é representam a natureza pois cada orixá possui um elemento da natureza pela qual wata comunidade cultural consegue suas proteções e viver no mundo.

Na comunidade ***Tupinambás***, originários do grupo Tupi, é um povo originário da mata atlântica vivenciaram antiga Capitania de São Jorge de Ilhéus num regime colonial/missionário. Posteriormente ,estes foram tratados como “Caboclos de Olivença” até a década de 90, quando retomam a luta pelo reconhecimento étnico e territorial.. No ano 2004 a Funai (Fundação Nacional de apoio ao Índio) foi pressionada a criar um grupo Técnico para a identificação do território. Os antropólogos foram encarregados pelo relatório, entregue à Funai em Brasília em 2005, o qual não ofereceu a comunidade maiores avanços..Atualmente, são cerca de 3.000 índios vivem em pequenas glebas de terra, nos município de Ilhéus, Una e Buerarema. Para sobreviver, trabalham “na diária” para os fazendeiros de cacau, seringa, piaçava e gado e em pequenos serviços nas periferias das cidades de Ilhéus e Una. Estão divididos em áreas pequenas nas localidades de: Acuípes., Olivenças e na Serra do Padeiro, cansados de esperar a morosidade da Funai em relação ao território segundo o CMI (Conselho Indigenista Missionário) este invadiram a fazenda Limoeiro .

Os índios Tupinambá de Olivença retomaram no último domingo (19/2) a fazenda Limoeiro, de cerca de 700 hectares, na Bahia . Cerca de 200 índios Tupinambá de Olivença retomaram no último domingo, 19 de fevereiro, a fazenda Limoeiro, de cerca de 700 hectares. A área retomada fica a cerca de 40 km da sede do município de Olivença, sendo um local de difícil acesso. A situação até a manhã desta segunda (20/2) tem sido tranqüila. Não houve resistência do fazendeiro e algumas famílias de trabalhadores que se encontravam no local saíram de forma pacífica. A fazenda Limoeiro produz cacau e seringa e já foi alvo de ocupação por trabalhadores rurais da região, mas o Incra não a desapropriou pelo fato de ter sido externada reivindicação dos Tupinambá e da Funai em relação às terras. Cansados de esperar a morosidade da Funai, os Tupinambá estão identificando e retomando o seu território. (Fonte: Conselho Indigenista Missionário – CIMI)⁶

⁶ O Cimi é um organismo vinculado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica junto aos povos indígenas. Criado em 1972, quando o Estado brasileiro assumia abertamente a integração dos povos indígenas à sociedade majoritária como única perspectiva, o Cimi

Esta ação demonstra como os Tupinambá de Olivença se constituem e relacionam com a luta pelo seu território que representa o mundo da natureza que diz relação ao mito Tupinambá sobre a origem da guerra forma como essa sociedade se relaciona com o tempo a pessoa e do território, sempre subsumidas no entendimento das sociabilidades Tupi. A guerra com o elemento fundamental da cultura missionária, a religião cristã, que constituiu também a linguagem de mediação entre europeus e indígenas. Florestan Fernandes, em seus estudos sobre a organização social (FERNANDES, 1948) e sobre a função social da guerra entre os Tupinambá (FERNANDES, 1970) mostraram a centralidade da guerra como um mecanismo de reprodução da sociedade e de manutenção do equilíbrio cultural Tupinambá. A organização social dos índios sempre lê tem visualizado como uma sociedade onde opera um sistema de vinganças e desobediência dos Tupinambá algo que se contrapõe a visão de civilizado de ordem.

Porem este simbolismo mítico tupinambá é um valor de força, energia fundamental da cultura para ir na busca de conservar seu território e as riqueza de suas crenças e mitos a partir da construção da pessoa que dinamiza a cosmo práxis as suas ações de luta saberes indígena. Para essa comunidade, ser tupinambá de diversas maneiras: seja pela guerra, pela fuga, pela reformulação dos mitos, pela festa que neutraliza a catástrofe de ter sido expulso, incendiado sua aldeia. Isso implica na revisão da cosmologia e na construção de um mundo novo. Este guerreiros estão criando uma a escola Indígena Estadual “TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA”, com os parentes da Serra do Padeiro, de Belmonte no vale Jequitinhonha e os Tupinambá que vivem na aldeia pataxó hãhãhãe, para darmos os primeiros passos para o resgate do idioma

. No caso da comunidade “*pataxos*” da bahia, é de **3.952** pessoas, repartidas em 09 aldeias que somam entre todas 47.600 ha. É possível observar, grifadas em verde as 09. A comunidade Pataxó, que sempre habitou essas terras, sabe melhor que ninguém como preservar esse patrimônio natural. Por isso, foi criada a Reserva Pataxó da Jaqueira, uma área de 827 hectares totalmente preservada e protegida da destruição do homem. Esse espaço funciona como um importante elo de ligação entre os índios, sua cultura e seu habitat e o chamado homem branco. Nunca houve descobrimento”, afirma o cacique Itambé, um dos líderes dos pataxós. “Foi invasão. Quando Cabral chegou, os antepassados da minha quarta geração já estavam aqui.” Hoje, os pataxós vivem de artesanato em Coroa Vermelha. A partir daí, nos despertamos e nos organizamos para recuperar nossa identidade cultural aberta a visitação, a Reserva da Jaqueira oferece uma oportunidade rara para o exercício prático da

procurou favorecer a articulação entre aldeias e povos, promovendo as grandes assembléias indígenas, onde se desenharam os primeiros contornos da luta pela garantia do direito à diversidade cultural.

educação ambiental, além de permitir uma total integração com a comunidade Pataxó e seus costumes. As visitas são feitas em pequenos grupos e acompanhadas por guias e instrutores que explicam detalhadamente as características da região e do povo que a habita. Nesse passeio, o visitante tem a oportunidade de conviver com os índios, conhecer sua alimentação, suas casas e sua forma de vida. Nós temos a dança tradicional que é o AUÊ, onde chamamos os espíritos dos antepassados e pedimos o conforto de Tupã e a força da Mãe Terra. O Pajé fica em seu kijeme preparando os remédios naturais, pedindo e trazendo conforto para o nosso povo. O Pajé é a pessoa que tem o contato com nossos antepassados e os mesmos podem fazer revelações e prevenir os perigos futuros para sua comunidade. Por isso o tema ambiental, eles na estão ao margem da aplicação de seus saberes, com a predisposições de ancestrais, aumentando as possibilidades de entender o amor pelo território a conservação dos conhecimentos, a Saúde, as Artes, Agricultura entre outros assunto que visam incluir na sua agendas

4. CONSIDERAÇÕES

No decorrer do texto foram apresentadas duas percepções relacionadas com a problemática ambiental: a primeira representada pelos agentes que desenham e executam a política ambiental do governo federal, usando o território para o eonegocio (chocolate rotulado, ecoturismo, áreas de proteção vendendo serviços ambientais); e a segunda pertencente à visão simbólica da cultura que problematiza a política ambiental do território Sul Baiano, reclamando os direitos da terra vinculados à comunidade. O relevante do debate é que existem símbolos de conservação u uso da terra que podem sensibilizar as pessoa na educação ambiental. Estas culturas têm a imagem arquetipa da terra como a grande mãe. É usada dentro do mito desses grupos culturais citados para transmitir o conhecimento de sua relação.

As políticas ambientais como o corredor ecológico deve atingir a dimensão dos aspectos territorial e cultural; não devem comprometer o desenvolvimento das comunidades culturais da natureza; seu desenvolvimento sustentável é aquele desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem colocar em risco a satisfação das necessidades das futuras gerações. Portanto, é necessária a participação da população envolvida o respeito com outras culturas, mesmo esse o ecodesenvolvimento não reconhecer os limites postos pelo domínio da dinâmica da biosfera à vida humana, é necessário incluir educação da natureza a partir das experiências ecológicas das culturas locais que são muitos mas prudentes e não lucrativas

depredadoras e que as forças e interesses conservadores progressistas se apropriam da política ambiental nessa região.

Estes atores, colocam os interesses econômicos que são dos mais variados, num complexo campo de forças, impondo a importância que tem resgatar sua cultura, costumes e tradição. Restaurando o que quase perderam durante tanto tempo em que foram obrigados a esquecer a sua verdadeira identidade e ser, a terra.

A vivência na floresta, como seus significados e projeções representam diversas evocações humanas para os indígenas Pataxós, Tupinambá, as comunidades quilombolas, o candomblé. Nesse caso, a floresta se apresenta como sagrada, suas plantas, animais e árvores são manifestação divina. Por tanto essa floresta tranqüila cuja manifestação é o silêncio prodigioso, ruídos como executar o som das águas, o vento soprar, os animais gritar não incomodam, pois, como diz Bachelard é uma floresta do estado da alma.

Pensando a perspectiva a questão da sustentabilidade da conservação da biodiversidade é um tema que requer uma reconstrução da compreensão da natureza, e de ser humano, sobretudo levando a consideração ao que foi colocado por Paulo Freire acerca da problemática ambiental nas ciências humanas no Brasil. Em torno aos princípios norteadores das comunidades científicas ainda permanecem presos a nossas elites intelectuais e controverso quando se trata de revelar as demandas dos grupos culturais que tem conflito com a posse da terra. Se essa cultura segundo os preconceitos são incapazes do progresso econômico e social, este tem um saber ambiental lucrativo do ponto de vista da preservação e sobrevivências desde que os deixem agir no território.

È urgente como componente ambiental a demarcação de Terras Indígenas e o processo de reconhecimento oficial das mesmas no Sul da Bahia, pois o governo tem a proteção e gestão dos recursos naturais destas terras. Os corredores ecológicos propostos, em pequeno número e grande extensão, criam problemas de exclusão de áreas importantes e até prioritárias para a conservação. A ênfase na pesquisa aplicada à tradição local envolvida nesse processo de conservação e à sustentabilidade sendo estes componente para o manejo do território.

Os corredores ecológicos podem servir para alimentar a retórica vazia do desenvolvimento sustentável que visa lucrar com novas formas produtiva ecológicas, mas não atenderá ao seu objetivo central e substantivo, que é o de contribuir consistentemente para a proteção sócio cultural das populações das florestas tropicais brasileiras. Finalizando com uma metáfora freiriana sobre o outro. A alegria da chegada do outro estaria preparando “como o jardineiro prepara o jardim para a casa” que se abriria na primavera. Daí a necessidade da espera pelo outro para juntos aprenderem a ler a palavra e a história (ibid).

BIBLIOGRAFIAS

BACHELARD. G. 1988.A poética do espaço. Trad. R. F. Kuhn et alii. São Paulo, Nova Cultural, p. 108

BONAVENTURA , Ilka Leite. **2000.** Os quilombos no Brasil as questões conceituais e normativas. In. **Etnográfica**, vol04/N2/Vol, N2,333-354p.

BROWN, Lester R. 2003.Eco-Economia: construindo uma economia para a terra / Salvador: UMA. 368 p.

BUENO, Cecilia 2004 : Bases Conceituais de Corredores Ecológicos e Proposta Metodológica: Evoluções na Conservação de Biodiversidade Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. Tese de Doutorado em Geografia, ano.*Orientador:* Antonio José Teixeira Guerra.

CASSIRER , Ernst. 2001. A Filosofia das formas simbólicas.Sao paulo martins Fontes 414p

DURAND. G: 1997. As estruturas antropológicas do imaginário: Trad. E. Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 551p

LIGÉIRO. Z. 1993. Iniciação ao Candomblé. Rio Janeiro. 9 edição
Coleção Nova Era. 148p.

MAFFESOLI ,Michel 2001. Elogio da Razão Sensível.Rio Janiero editora vozes 207p

PITTA. D. 2005. Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand, Rio Janeiro o. 106p.

POVOAS. R. 2002. A fala do Santo. Ilheus. Editus. 167p.

SILVEIRA, M. J.. 2004. A educação pelo Silencio:O feitiço da linguagem
no candomblé.Ilhéus, Editora Editus,.207p.

VIEGAS, De Matos; Susana 2008..Terra Calada - Os Tupinambá na Mata Atlântica do Sul da Bahia Editora: 7 Letras .

ZITKOSKI, Jaime José. 2006.Paulo Freire & a Educação.Sao paulo. Ed.Autentica.119p